

**O TREVO S.A. GRUPO LUXMA**

**REPERCUSSÃO**

**Corretores recebem com agrado o discurso do presidente Sarney**

O presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, Enio Carvalho Rodrigues, gostou do pronunciamento do presidente da República, José Sarney, na noite de segunda-feira, mas o considerou "pouco conclusivo". "O mercado esperava um pronunciamento mais conclusivo, com o presidente detalhando mais os seus planos de governo. O discurso não desceu aos detalhes que o mercado gostaria de ouvir", disse Rodrigues ao editor Alaor Barbosa.

De qualquer forma, ele considerou "positiva" a manifestação de Sarney de que haverá uma redução do papel do "Estado-empresário", substituído pelo "Estado-social". Essa postura vem sendo reivindicada pelos empresários há vários anos, lembrou o presidente da Bolsa carioca.

Um ponto que poderá levantar polêmica, na visão de Rodrigues, foi a manifestação do presidente de um combate gradual à inflação. "Isso pode dificultar um pouco as negociações com o FMI", na visão de Rodrigues. "Sabe-se que o Fundo Monetário Internacional não gosta de soluções gradualistas, preferindo um tratamento de choque", comentou o presidente da instituição. "Agora, o governo terá de convencer o FMI dessa sua política", complementou.

**AZEVEDO TAMBÉM GOSTOU**

"O discurso fez bem à Nação e terá repercussões

positivas na economia, dado o otimismo de que veio impregnado", disse o presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Eduardo da Rocha Azevedo, ao editor Elpidio Marinho de Mattos. "Se todos arregaçarem as mangas e atenderem à palavra de ordem do presidente, os problemas serão resolvidos e o País continuará crescendo. Afinal, crescer é uma questão de opção, é preciso acabar com o pessimismo", aduziu Azevedo.

**ANCOR, NEM TANTO**

"O que ocorre no Brasil é uma administração de reservas, e não de moeda. De nada adianta uma política monetária austera se não cuidarmos da área fiscal."

Esse é o posicionamento do presidente da Associação Nacional das Corretoras (Ancor), Alberto Alves Sobrinho, diante do pronunciamento feito à Nação, ontem, pelo presidente da República, José Sarney.

Segundo Alves Sobrinho, as corretoras, como parte do sistema financeiro, estão sentindo os problemas econômicos do País, já que "quem carrega a dívida do governo são as instituições financeiras".

O presidente da Ancor acredita na queda das taxas de juros somente se houver uma ação integrada do governo na área fiscal e administrativa de gastos. "Somente uma coerência entre políticos poderá mudar o que, atualmente, considero uma política de apagar incêndios."